

Tannen Maury - 18.mar.08/Efe



Operador em Chicago sinaliza avanço do euro sobre o dólar

# Avanço do euro esbarra na Europa

Estudo prevê que reservas superem as em dólar, mas continente, desunido, não ameaça hegemonia dos EUA

**União Européia não tem posição comum em temas de política externa, mas economista diz que isso não impede escalada da moeda**

MARCELO NINIO  
DE GENEBRA

Uma simulação feita por dois economistas americanos acendeu o alerta: em menos de dez anos o euro poderá substituir o dólar como principal moeda internacional. A tendência recebe agora o empurrão da crise mundial iniciada nos EUA, cujo

legado pode deixar de ser só econômico para ganhar dimensões geopolíticas.

Ao flexionar em excesso seu músculo militar e aumentar o seu déficit, os EUA teriam embarcado numa rota semelhante à que tomou o império britânico até a libra esterlina ser superada pelo dólar como moeda predominante nas reservas mundiais, em 1945.

Os autores da simulação, Jeffrey Frankel, de Harvard, e Menzie Chinn, da Universidade de Wiconsin, dizem que 25 anos de déficit em conta corrente nos EUA e mais de 30 de

desvalorização do dólar ajudaram a corroer a hegemonia da moeda americana. Mas observam que isso não basta para provocar a mudança que vislumbram no sistema.

“O mais importante é que agora existe um rival confiável para liderar as reservas de câmbio, o euro, que tem muitas das características desejadas de uma moeda internacional”, afirma o estudo.

Na Europa, entretanto, as notícias da morte do dólar são consideradas um exagero. Quase dez anos depois de sua entrada em circulação, o euro é forte

como moeda, mas fraco como símbolo político, e isso é visto como o maior empecilho para que a projeção de Frankel e Chinn se torne realidade.

“O problema central é que não há um governo europeu por trás do euro, e provavelmente não haverá”, diz Daniel Gros, diretor do Centro de Estudos de Políticas Europeias, em Bruxelas, afirmando que falta representatividade para a moeda comum européia ter peso. “O euro nem sequer tem um representante nas instituições financeiras internacionais.”

Essa carência é reflexo de

uma disfunção estrutural que costuma paralisar o processo decisório da União Européia, sobretudo em assuntos de política externa. Isso ficou claro nas crises internacionais recentes, como a independência de Kosovo e os distúrbios no Tibete, quando o bloco de 27 países mais uma vez rachou.

Essa desunião não invalida a previsão sobre a ascensão do euro, diz um dos autores do estudo. “Ser otimista sobre o euro não significa ser otimista em relação à Europa”, disse Frankel à **Folha**, por e-mail. “O euro não precisa de uma política externa comum para prosperar.”

## Múltipla personalidade

Embora o Tratado de Lisboa, aprovado em dezembro, preveja modificações para corrigir o problema, como a nomeação de um presidente e de um chanceler, a UE ainda sofre o transtorno da múltipla personalidade. O mesmo que levou o ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger à famosa pergunta: "Quero telefonar para a Europa, para onde ligo?"

A dúvida que intrigava Kissinger em 1970, quando a integração europeia ainda dava seus primeiros passos, com apenas 12 membros, hoje é um desafio que se estendeu à moeda comum, usada por 15 dos 27 membros da UE.

"É hora de discutir o papel político do euro", diz Paola Subbachi, chefe do Departamento de Economia Internacional do Instituto Real de Assuntos Internacionais, em Londres. Ela também acha que o vácuo de autoridade impede que o euro substitua o dólar como moeda global. "Basicamente não há ninguém responsável pelo euro. Certamente esse papel não é do BCE [Banco Central Europeu], cujo mandato se limita a controlar a inflação."

O ceticismo em relação ao poder do euro parece restrito aos europeus. Em setembro do ano passado o ex-presidente do Fed (banco central dos EUA), Alan Greenspan, deixou claro que a hegemonia da moeda americana já não era tão sólida. Segundo ele, o dólar havia perdido boa parte da vantagem que tinha sobre as demais moedas.

Ainda assim, ela continua confortável. O Fundo Monetário Internacional calcula que 70% das reservas mundiais estejam em dólar, contra 25% em euro. Frankel e Chinn acham que essa proporção pode virar antes de 2015, devido ao desgaste econômico, ao esgotamento militar e à deterioração do sistema financeiro nos EUA.

Se mais países decidissem converter os dólares de suas reservas em euros, isso estimularia a mudança em outras transações financeiras internacionais, apostam os economistas, o que aceleraria o fim da hegemonia da moeda americana.

"Economicamente, os EUA perderiam o privilégio exorbitante que lhe permite dar dólares a estrangeiros em troca de bens, serviços e investimentos", diz Frankel. "E geopoliticamente o país também perderia poder."

Para Subbachi, o fortalecimento do euro não significa necessariamente o fim da hegemonia do dólar. "Não vejo euro e dólar em rota de colisão", diz ela, apontando para uma nova ordem financeira, em que as duas moedas se complementarão. "Estamos caminhando para um sistema de dois pilares."

---

## DISPARADA

1,29

dólar valia o euro em

12 de janeiro de 2007

1,58

dólar foi quanto fechou a

cotação do euro na sexta-feira,

maior valorização da história da moeda criada em 1999